

## O SILÊNCIO EXPECTANTE E A VOZ INESPERADA

Na penumbra da sala do laboratório, uniforme e absolutamente  
[fechada,  
Isolada do som e da luz, isolada do tempo e do espaço,  
Procedia-se à investigação memorável.

Procurava-se descobrir o espaço completo e geral  
Onde se pudesse definir a pulsação originária;  
Pulsação que seria a substância de todas as vibrações,  
Desde as que iluminam as estrelas Cefeidas  
Até as que comovem o coração humano,  
As que marcam, domesticamente, o tempo civil nos relógios  
E as que passam ondulando nas cordas dos violoncelos;  
Pulsação que fosse o sangue de futuros nascimentos e de novas  
[cosmogonias.  
Dela viria a angústia da matéria dispersa em meio às nebulosas  
E que ainda não pôde se converter em estrelas,  
Viria a angústia das almas inascidas que, com o frio, e o medo  
[de não nascer,  
Se abrigam no ventre das mulheres.

Naquele ambiente inerte e indeterminado  
Reinava um silêncio liso e sinistro:  
Um silêncio que fora a conseqüência de rumores especiais e  
[preciosos,  
Um silêncio-fronteira de ruídos apagados em macios de paina  
[e de veludo.

Temia-se, porém, a inversão do tempo ou o pânico da luz,  
Temia-se, sim, temia-se alcançar a essência do milagre. . .

Foi então que uma onda ligeira, perdida e vagabunda,  
Uma onda que rondava, que rondava na sombra do jardim,  
Entrou sorrateira, inesperadamente,  
Por uma fresta imperceptível no rádio:

Era uma voz de mulher cantando nas Antilhas.